



I n s t i t u t o d e
HISTÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Vanessa Rafful Dias

Um debate historiográfico sobre a Conquista da Nova Espanha: do “Bom Selvagem” ao Protagonismo Indígena

Rio de Janeiro

2019

Vanessa Rafful Dias

Um debate historiográfico sobre a Conquista da Nova Espanha: do “Bom Selvagem” ao Protagonismo Indígena

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IH-UFRJ), como parte dos requisitos necessários à obtenção de grau de Bacharel em História.

Orientadora: Prof. Dra. Alessandra Gonzalez de Carvalho Seixlack
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de História

Rio de Janeiro

2019

Sumário

Resumo	4
Agradecimentos	5
Introdução	6
Capítulo 1 – A evolução do pensamento historiográfico sobre a Conquista da América	
1.1 O poder da fé, da espada e do imprevisível	9
1.2 mestiçagem, desmistificações e alianças: as razões para a vitória	15
1.3 As “razões da vitória” e sua evolução na historiografia	23
Capítulo 2 – Os dois lados da História: Cortez e os Ameríndios	
2.1 A escrita de Cortez	26
2.2 Os relatos Ameríndios	32
Conclusão	38
Referências Bibliográficas	40

Resumo

Esta monografia apresenta a evolução do pensamento historiográfico sobre as razões que possibilitaram a Conquista da Nova Espanha. A partir de trabalhos de pesquisadores renomados e bastante discutidos no meio acadêmico, analiso a crescente abordagem que visa priorizar a participação e o protagonismo indígenas no processo de Conquista e Colonização da Nova Espanha. Com base nesta discussão historiográfica, as perspectivas europeias e ameríndias sobre este acontecimento serão apresentadas a partir da análise de fontes.

Palavras chave: Conquista, Nova Espanha, Protagonismo indígena, Hernan Cortez.

Abstract

This research describes the change in historiographic thinking about the circumstances surrounding the Mexican Conquest. Using reputable research and academic works, the study will analyze the increased understanding of indigenous participation and involvement in the colonization of Mexico/New Spain. This discussion will highlight both the European and Native Mexican perspectives on this event.

Key words: Conquest, Mexico, Indigenous Protagonism, Hernan Cortez

Agradecimentos

Agradeço à minha família: meus pais, Mauro Dias (In Memoriam) e Adriana Rafful, que sempre me ensinaram a valorizar o caminho do conhecimento e a importância da educação; e ao meu irmão Igor Rafful, a quem sempre quis oferecer um bom exemplo.

Ao meu parceiro de vida, João Tavares, que não me deixou desistir da minha formação.

Aos meus avós, Alfredo Rafful (In Memoriam) e Marlene Iracema Rafful, que de maneira inconsciente e através de suas histórias de vida me proporcionaram os questionamentos que deram origem ao tema deste trabalho.

À minha orientadora, Alessandra Seixlack, que mesmo com o passar dos anos não deixou de acreditar que eu conseguiria concluir esta monografia.

Às minhas amigas e colegas de formação, em especial Letícia Helena, Melissa Britez e Clarissa Godoy, que me motivaram, acreditaram no meu potencial e não soltaram da minha mão durante todo esse processo.

Por último, mas não menos importante, à minha filha Joana. Razão e combustível para todas as minhas conquistas. Que um dia eu possa inspirá-la com a minha trajetória.

Introdução

A escolha do tema em questão foi feita ainda no começo da minha graduação em História, no curso de América Colonial. Em uma das primeiras aulas, comecei a me questionar sobre a influência da Reconquista no processo de Conquista da América. Passei por muitas hipóteses até finalmente chegar a este trabalho. Acredito que o tema tenha despertado meu interesse por ter uma presença árabe e indígena muito forte em minha família. Meu avô é filho de libaneses que imigraram para o Brasil e, como muitos outros, se tornaram comerciantes e construíram uma vida em um território que não era deles. Minha avó é filha de uma mulher indígena, que saiu forçada do estado do Amazonas, se tornou mãe solo, explorada por uma família do Rio de Janeiro até morrer precocemente de tuberculose e deixar seus filhos, que também foram explorados pela mesma família até a idade adulta.

A história de árabes que saem de suas terras em busca de melhores qualidades de vida e de indígenas que resistem aos tipos mais cruéis de exploração física e psicológica é potente e presente em minhas raízes. E penso ser essa a motivação desta pesquisa e da escolha por este tema e discussão.

Durante a minha graduação, estudei conceitos como memória, identidade, mestiçagem e nacionalismo nas Américas e sou apaixonada por estes temas. Tive a oportunidade de aprender sobre estes assuntos com as Professoras Juliana Beatriz e Alessandra Seixlack, que deixam transparecer em suas aulas o quanto esta área é importante também para elas.

Pude acompanhar as aulas da Professora Juliana Beatriz primeiro como aluna, e depois como monitora. E também como monitora conheci a Professora Alessandra Seixlack. A primeira introduziu a importância das discussões historiográficas acerca do tema, a partir da análise de fontes primárias. Enquanto a segunda me mostrou que toda História tem dois lados, e que os dois lados precisam ter voz, inclusive os supostamente “vencidos”. E mais do que isso: que essas vozes precisam ecoar, porque dar vazão a estas vozes também é fazer parte do processo de resistência.

O tema da Conquista da América é revisitado em inúmeras pesquisas. No

entanto, o que sempre gera muitas argumentações, teses e teorias é o motivo que levou os espanhóis a vencerem os povos pré-colombianos, mesmo sendo bastante inferiores em número, não conhecendo o território e possuindo recursos limitados. Na historiografia, há uma evolução na maneira de pensar e explicar as razões para a Conquista da América. E é justamente esta evolução dos estudos sobre o processo de Conquista (entre chegada no Novo Continente e consolidação da alteração nas configurações de poder local) que será o tema deste trabalho. Mais especificamente, o caso do México/Nova Espanha.

O objetivo deste trabalho é fazer uma discussão historiográfica sobre as ações que proporcionaram a vitória dos espanhóis sobre os Astecas. Para esta discussão, os textos a serem utilizados são: Ruggiero Romano (“Os Mecanismos da Conquista Colonial”, de 1972), Tzvetan Todorov (“A Conquista da América – A questão do outro”, de 1982), John Elliott (“A Conquista Espanhola e a Colonização da América”, de 1984), Serge Gruzinski (“Colonização do Imaginário”, de 1988), Matthew Restall (“Sete Mitos da Conquista Espanhola”, de 2003) e Miguel León-Portilla (“A Visão dos Vencidos: A Tragédia da Conquista Narrada pelos Astecas”, de 1959). Também será utilizado um artigo de Eduardo Natalino dos Santos (“As Conquistas de México-Tenochtitlan e da Nova Espanha. Guerras e alianças entre castelhanos, mexicas e tlaxcaltecas”, de 2014).

A escolha dessas obras foi feita de acordo com a relevância que possuem para o campo de estudo em questão. São obras fundamentais e frequentemente utilizadas em cursos de América Colonial. Por esse motivo, serão utilizadas como fio condutor desta reconstrução da maneira de pensar a Conquista da América Espanhola por parte de diferentes autores, pertencentes a distintas correntes dentro da Escola dos Annales e da História Cultural, e também provenientes de diferentes países.

O objetivo do capítulo 1 é mostrar que ao longo dos anos e da evolução dos estudos coloniais, não só na Europa, mas também no continente americano, se forma uma escrita que visa fortalecer o papel dos nativos no processo de Conquista. No capítulo 2, busca-se extrair das fontes primárias a perspectiva dos personagens do período, utilizando relatos indígenas sobre a Conquista e também as cartas de

Hernan Cortez. Utilizarei as conclusões acerca da discussão bibliográfica para analisar a segunda carta de Cortez endereçada ao Rei Carlos V, de 1520, na qual são relatados os acontecimentos da “Noche Triste”. Ademais, serão analisados os capítulos XVI e XX do Códice Florentino e também fragmentos do “Texto Anônimo de Tlatelolco” (1528), nos quais os nativos dão as suas versões dos acontecimentos da Conquista. Acredito que a análise da narrativa de um dos momentos de maior fragilidade dos espanhóis na conquista de Tenochtitlán, a partir da visão de Cortez e das narrativas ameríndias sobre a Conquista, possibilitará uma maior compreensão sobre as ações que levaram à vitória dos castelhanos.

Para compreendermos as razões para a vitória espanhola, é de fundamental importância analisar, no mínimo, duas visões sobre os fatos: a dos “vencedores” e a supostamente dos vencidos. Sem essas duas perspectivas, não podemos ter dimensão do que de fato foi o empreendimento da Conquista e da colonização da Nova Espanha. Existe uma disputa pela narrativa dos acontecimentos da Conquista da América e acredito que, nas últimas duas décadas, vem imperando no meio acadêmico uma nova escrita historiográfica sobre estes acontecimentos: aquela que dá voz aos nativos.

Capítulo 1 – A evolução do pensamento historiográfico sobre a Conquista da América

1.1 O poder da fé, da espada e do imprevisível.

O entendimento do processo de Conquista da América é um campo de estudo dentro da historiografia. Por não ser alheio às influências da ciência em que se insere, por ser parte do estudo da História, acompanha as abordagens e teorias pertinentes aos seus tempos. As obras escolhidas transitam entre as diferentes fases da Escola dos Annales, como a Nova História e a História Cultural.

A Escola dos Annales traz uma nova abordagem metodológica para as pesquisas em História. No começo do século XX, há uma ruptura na forma de estudar História. Esta deixa de ser factual, ou focada em grandes personalidades, para tematizar as estruturas, os sistemas vigentes em grandes períodos ou os grandes acontecimentos. É a História-Problema, na qual é preciso questionar as fontes, não assumir que aquilo que está escrito nos documentos históricos é um fato. Passa-se a compreender os documentos históricos como mais um ponto de vista acerca de um evento maior, algo escrito por um indivíduo em seu tempo. O historiador dos Annales é o encarregado de fazer perguntas a partir do presente a essas fontes do passado e obter respostas. Anteriormente, o historiador tinha por objetivo se aproximar ao máximo da verdade dos fatos. (BARROS, 2010).

Ainda dentro da Escola dos Annales, há uma vertente denominada “Nova História”. Por volta da década de 1960/70, o historiador passa a se interessar também pelo “outro” dentro dos acontecimentos históricos. Deixa de olhar somente para a classe dominante e passa a olhar também para a classe considerada dominada ou subalterna. O objeto deixa de ser a estrutura e o sistema, e passa a ser o indivíduo dentro de sua realidade, mentalidade e espaço social. Mais adiante, no final da década de 1980, surge a virada crítica, quando os historiadores passam a valorizar e pesquisar elementos da cultura, memória, identidade, hábitos e costumes de determinados povos e sociedades, utilizando o método de pesquisa em História. Esta modificação e ruptura passa a ser denominada “Nova História Cultural”, ou

simplesmente “História Cultural”.

Nesta primeira parte do capítulo 1, a obra mais antiga a ser analisada é de Ruggiero Romano, “Os Mecanismos da Conquista Colonial” (1972). Proveniente da Itália, Romano se mudou para França, se tornou aluno de Fernand Braudel e posteriormente deu aula na Sorbonne. Sua pesquisa está inserida no contexto da Escola dos Annales, e trata o objeto em questão – a Conquista da América – de forma bastante eurocêntrica, por mais que se enquadre na Segunda Geração da Escola dos Annales e, portanto, passe a considerar a participação e a atuação dos nativos no processo de consolidação da Conquista. Romano atribui a vitória dos espanhóis ao fato de que estes já haviam tido a experiência da Reconquista Espanhola e o contato com povos de culturas e estruturas sociais bastante diferenciadas, o que lhes deu ferramentas necessárias para lidar com o “outro”.

De forma resumida, Romano afirma que o sucesso dos europeus frente aos nativos se deve a três elementos: a espada, a cruz e a fome. Ou seja: para o autor, a violência, a tentativa de evangelização e a desestruturação da ordem social das sociedades dominadas são as razões para a vitória dos espanhóis sobre os nativos. Nesse sentido, os povos nativos não só foram submetidos a agressões até se converterem ou foram convencidos de que o cristianismo era a verdadeira fé; foram também destituídos de todo um sistema social, econômico e cultural a partir da quebra do *status quo*. Perderam seus familiares, foram movidos geograficamente (sendo destituídos da importante relação que tinham com a terra), e tiveram seus rituais e ídolos calados. Todas as certezas que tinham foram abaladas por homens cruéis e violentos. Esses são os mecanismos da Conquista, na visão de Romano.

É por isso que, mesmo em extrema desvantagem numérica, os espanhóis teriam conseguido dominar imensos territórios. O autor ainda traz mais questões relevantes, que refutam a teoria em voga no momento de escrita de seu livro, de que o sucesso por parte dos espanhóis foi decorrente somente da tecnologia militar superior (conhecimentos e técnicas de combate adquiridos nas batalhas da Reconquista Espanhola e reaplicadas na América). Para o autor, essa teoria não se sustenta, pois a pólvora molhava, os capacetes e couraças limitavam os movimentos em um momento de embate, os nativos assimilavam as táticas de batalha dos

espanhóis de maneira bastante rápida. Ademais, a superioridade numérica dos nativos era infinitamente maior que a dos invasores. Portanto, de acordo com o autor

“os espanhóis compreenderam muito depressa que a margem de segurança que lhes assegurava a técnica militar, se tornava muito pequena e que teria sido muito fácil alterar um equilíbrio que, apesar das aparências, permaneceu frágil durante muito tempo. A conquista, efetuada pelas armas devia, portanto, ser mantida por outros meios.” (ROMANO, 1972, p.17)

Como dito anteriormente, na análise de Romano, os outros meios que garantiram a vantagem da técnica militar e a violência eram a cruz e a fome.

Apesar das extensas discussões entre os religiosos na Nova Espanha acerca da maneira como deveria ser feita a conversão dos nativos (a cruz), um outro elemento trabalhado por Romano também parece ter facilitado a conversão e a aceitação da nova fé: a derrubada dos grandes líderes indígenas, responsáveis pela união política e religiosa das comunidades. Segundo o autor

“(...) o poderoso cimento que a religião deveria ter representado para a manutenção dos Estados e das civilizações indígenas se dissolvia e deixava penetrar de maneira formal e superficial a nova religião (...) basta que a classe dirigente ceda e aceite os sinais da nova religião, para que as massas a sigam. (...) os lugares sagrados no novo culto surgem muito frequentemente sobre as ruínas dos velhos templos” (ROMANO, 1972, p. 18)

Na verdade, é neste ponto que a fome (que pode ser interpretada como fome de suas raízes culturais, como a falta de conexão com o padrão social pré-existente) se une ao mecanismo da cruz. Diante da falta de ligação com o sobrenatural, tão presente nos rituais e hábitos dos astecas, a fé cristã se apresenta como alternativa; como uma espécie de novo canal de comunicação com os deuses. O catolicismo e a presença dos evangelizadores na América são tão abrangentes e pungentes em um cenário de mudanças, que talvez se tornem uma fonte de conforto para uma sociedade extremamente fragmentada.

Outros autores que serão abordados neste trabalho tratam deste tema de maneira mais aprofundada. Gruzinski, com sua visão de que a colonização passa pela “cristianização do imaginário”; Todorov, e seus capítulos dedicados à atuação de Las Casas e Sahagún no novo continente; Elliott e a sua teoria de que a Igreja atua como ferramenta de legitimação da conquista; Restall, que dedica sua obra a

desfazer os mitos da passividade dos indígenas frente à conquista e à dominação castelhana; por último, porém não menos relevante, a importância da vitória da visão cristã do mundo para o sucesso do processo de conquista, defendida por Eduardo Natalino dos Santos.

Ainda no que se refere à Romano, é possível notar que, apesar de tentar apresentar alguma resistência por parte dos indígenas ao processo de Conquista, o autor mantém todas as razões da vitória voltadas somente para ações realizadas pelos europeus. Nesse sentido, desconsidera o protagonismo indígena nestes episódios.

Dando sequência à apresentação das obras na ordem cronológica em que foram publicadas, no ano de 1982 – dez anos após a publicação do livro de Romano – é lançado o livro “A Conquista da América – a questão do outro”, de Tzvetan Todorov, um marco no estudo de História da América Colonial. Todorov nasceu na Bulgária e foi professor na École Pratique de Hautes Études e diretor do Centre National de la Recherche Scientifique de Paris. Tem como área de pesquisa a linguística e a teoria literária, mas suas obras mais relevantes tratam da alteridade e da relação com o “outro”. Em seu livro, Todorov diz ter por objetivo responder à seguinte questão: “*como se comportar em relação ao outro?*”. Destaca assim a inexistência de precedentes para o encontro entre os “homens brancos” e os indígenas. Cada capítulo retrata um personagem histórico de maneira romântica, como um Colombo perdido, um Cortez aventureiro e astuto, um Las Casas amoroso e dedicado evangelizador. É possível notar reminiscências de uma história escrita como narrativa. No entanto, não é o objetivo do autor escrever uma obra historiográfica, o que ele próprio deixa claro na introdução do livro.

Assim como Romano, Todorov também atribui o sucesso da Conquista da América Espanhola à imposição da religião e à superioridade militar. Contudo, o elemento que parece ter sido fundamental na visão do autor foi a quebra da previsibilidade e da comunicação dos nativos com os seus deuses. Todorov afirma que quando os deuses não conseguem se comunicar com os intérpretes astecas, há um desarranjo dentro desta sociedade. Ele considera que a comunicação entre

“homem e mundo” se quebrou. Todorov se refere a esse momento como uma espécie de “mudez dos deuses”. A habilidade de oratória era uma das mais prezadas entre esse povo. A função de Montezuma, líder político dos astecas, tinha o nome de *tlatoani*, que significa “aquele que possui a palavra”.

Mais do que isso, a sociedade asteca se pautava bastante no sobrenatural, na antecipação dos acontecimentos através de profecias – que podem ser entendidas ao mesmo tempo como manutenção da memória – e nos acontecimentos cíclicos, com o presente sendo sempre submetido ao passado. Ninguém havia previsto a chegada dos espanhóis e a sociedade asteca era profundamente relacionada às previsões e ao cumprimento delas. Dessa forma, quando souberam que os espanhóis estavam em seu território, não sabiam o que esperar. Segundo Todorov, Cortez se apropria desse elemento cultural dos nativos e age de maneira improvisada diversas vezes, justamente para atordoar os seus oponentes ao trazer o elemento imprevisível para sua realidade cotidiana:

"Em vez de perceberem o fato como um encontro puramente humano apesar de inédito - a chegada de homens ávidos de ouro e de poder -, os índios integram-no numa rede de relações naturais, sociais e sobrenaturais, onde o acontecimento perde sua singularidade; é de certo modo domesticado, absorvido numa ordem de crenças preexistentes. Os astecas veem a conquista - isto é, a derrota - e ao mesmo tempo superam-na mentalmente, inscrevendo-a numa história concebida segundo suas exigências: o presente torna-se inteligível e, ao mesmo tempo, menos inadmissível, a partir do momento em que é possível vê-lo prenunciado no passado" (TODOROV, 2010, p.104)

Todorov afirma ainda que o sucesso dos espanhóis, no caso da Nova Espanha, se deve igualmente à importância da evangelização para a consolidação do processo de aculturação – e, portanto, dominação – dos povos indígenas. No capítulo intitulado “Amar”, o autor discorre sobre a visão dos nativos do ponto de vista dos religiosos, utilizando Bartolomé de Las Casas como fio condutor dessa análise. Ele elege o dominicano para mostrar que até mesmo entre os evangelizadores no Novo Mundo existiam discordâncias. Las Casas teve como maior rival argumentativo o filósofo Juan Ginés de Sepúlveda. Enquanto Las Casas argumentava em favor da conversão pacífica dos índios, pois acreditava que eles não conheciam a existência da palavra de Deus e, portanto, não poderiam ser

punidos por não serem cristãos, Sepúlveda defendia as *encomiendas* – o uso de mão-de-obra indígena por espanhóis que, em troca, teriam o compromisso de ensiná-los a fé cristã. Segundo Sepúlveda, a conversão deveria ser feita de maneira violenta, porque os indígenas eram infiéis. Tanto nos argumentos de Sepúlveda quanto nos de Las Casas, não é levado em consideração que os indígenas são seres humanos iguais aos espanhóis. Mesmo convertidos, os nativos são vistos como crianças, que necessitam de tutela e de cuidados constantes. Para Sepúlveda, “a hierarquia, e não a igualdade, é o estado natural da sociedade humana” (TODOROV, 2010, p.221). Já Las Casas acredita que os indígenas devem ser evangelizados através do amor, pois devem se converter verdadeiramente, e não por medo.

Ao longo de todo o livro, Todorov parece em alguns momentos enxergar os indígenas como espectadores do processo de Conquista. Em outras palavras, considera muitas vezes que os astecas aguardavam as tomadas de decisões dos conquistadores ou missionários para, então, acatarem suas ordens ou se rebelarem contra o poder vigente.

Ainda dentro deste bloco de autores, destaca-se o historiador inglês John Elliott. Elliott lecionou em Cambridge, Princeton e Oxford. Em seu artigo, “A conquista espanhola e a colonização da América”, de 1984, também considera a importância dos empreendimentos militares e religiosos e da visão de mundo cíclica dos astecas para a vitória dos europeus no Novo Mundo. Apresenta a participação dos nativos no processo de invasão do território, mas dando a entender que estes teriam sido persuadidos pelos espanhóis a fazê-lo.

Elliott ressalta ainda a importância, mesmo que não planejada, dos vírus trazidos pelos europeus para a América. Esse elemento é relevante não somente por dizimar boa parte dos nativos, mas também porque corrobora a ideia do imprevisível, de algo nada antes visto pelos indígenas, que não tinham anticorpos para algumas doenças que muitas vezes eram brandas para os europeus, como simples resfriados.

Na visão de Elliot, as táticas militares da Reconquista ainda eram bastante celebradas entre os castelhanos e foram bastante utilizadas na América. Elliott,

assim como Romano, concorda que a superioridade bélica não era algo tão abissal como se fez crer por muito tempo. Afirma que muitas vezes as flechas eram mais rápidas do que os mosquetes, e envenenadas, o que fazia bastante vítimas; que as vestimentas dos espanhóis no clima tropical do Novo Mundo não eram as mais apropriadas para o clima de batalha. Contudo, Elliot atribui aos conquistadores mais renomados uma característica que possibilitou o êxito castelhano: a capacidade de articular o poder bélico com a política, assim como de entender a Conquista como algo além da dominação através da violência e da ocupação de territórios com colonos. Era preciso conquistar culturalmente os povos dominados, do contrário, não haveria continuidade na ocupação espanhola no Novo Mundo. E foi esse o papel desempenhado pelas ordens religiosas na América. A Igreja Católica teve a função de legitimar a ação dos conquistadores, pois sem o empreendimento sagrado, só haveria pilhagem. Ou seja: o objetivo do elemento da cruz na Conquista é dar um propósito muito além da ganância às expedições para o Novo Mundo. É o que o autor chama de “Conquista Espiritual”.

Os autores até agora analisados enxergam o elemento da cruz como algo fundamental para a consolidação da Conquista da América. A expansão da fé católica era o que dava a motivação para o enfrentamento de tantas dificuldades no caminho para o desconhecido. E, além disso, era o que possibilitava a manutenção do poder e da ordem na colônia. A dominação através da fé é tema bastante controverso entre os autores do próximo bloco desta discussão historiográfica, conforme demonstraremos na análise que se segue.

1.2 Mestiçagem, desmistificações e alianças: as razões para a vitória

No intuito de analisar a modificação na forma de compreender as razões da vitória dos espanhóis sobre os ameríndios, serão apresentados os trabalhos de Serge Gruzinski, Matthew Restall, Miguel León-Portilla e Eduardo Natalino dos Santos.

Serge Gruzinski é francês, doutor em História e um dos nomes mais celebrados da corrente da História das Mentalidades. O emprego dos conceitos de

“mestiçagem”, “ocidentalização” e “aculturação”, bastante utilizados nesta área da historiografia, rompe com os estudos prévios sobre os processos de Conquista da América. Ao invés de buscar razões para a vitória nos europeus, este autor acredita que o contato entre as distintas culturas é o que faz com que o advento da Conquista seja algo tão extraordinário.

Gruzinski atribui a consolidação da Conquista à “colonização do imaginário”, cujo processo se deve, principalmente, ao papel da Igreja no Novo Mundo e à conversão dos nativos. Com isso, era possível que os indígenas compreendessem a visão de mundo dos europeus, mesmo que através das lentes de suas próprias culturas.

As práticas religiosas dos nativos que estavam começando a aceitar a fé cristã se mesclavam com o que compreendiam previamente como religiosidade. Logo, quando apresentavam alguma “arte sacra” ou manifestação de fé, estas eram vistas pelos espanhóis como algo ligado ao maligno:

“Desde meados do século XVI, o entusiasmo dos índios pelas representações europeias era, portanto, acompanhado pela proliferação de algo que chamaríamos de cópia “pirata”. Ao lado da reprodução oficial e fiel da iconografia cristã, (...), surge uma produção “independente”, cuja “imperfeição” frequentemente denunciada, deve-se mais à interpretação da linguagem ocidental do que a alguma falta de habilidade indígena. Esses trabalhos povoaram de imagens cristãs oratórios domésticos que, desde os tempos pré-hispânicos, existiram em todas as casas indígenas” (GRUZINSKI, 2003, p.275)

A representação do sobrenatural cristão feita pelos indígenas era vista como grotesca pelos conquistadores. Mas, a partir da citação acima, é possível perceber também a maneira como os nativos assimilavam o Deus cristão ao sobrenatural presente na cultura pré-hispânica. O que acaba por criar um sincretismo religioso, produto do contato entre as duas religiosidades.

Segundo Gruzinski, os evangelizadores utilizaram-se desse sincretismo para que a fé cristã fosse de fato recebida pelos nativos. O “silêncio” das divindades locais, abordado pelos autores do bloco anterior, é aqui substituído por “milagres” dos santos católicos. Como se a tentativa dos evangelizadores fosse imprimir “*novos significados a locais que tinham sido, até então, memórias mudas do mundo antigo*” (GRUZINSKI, 2003, p.284). O autor vai além: atribui a escolha do local de devoção

à Virgem de Guadalupe (padroeira do México e peça chave do nacionalismo *criollo*) ao fato de que, neste mesmo local, antes existia o templo de uma deusa asteca (Toci, a deusa-mãe). Há, portanto, a busca por significados e símbolos que são aceitos pelos habitantes do Novo-Mundo, para que seja possível a interiorização da cultura do Velho-Continente.

Por outro lado, segundo o autor, uma forma de resistência indígena à Conquista foi o uso de magias, ervas medicinais, feitiços e rituais sobrenaturais, que na maioria dos casos não tinham nenhum tipo de ligação com as crenças católicas ou permissão da Igreja para que existissem. Por este motivo, tinham que se manter fora do alcance da Inquisição. Essas manifestações de fé e crença foram produto do contato entre as diferentes culturas na América, não só indígena e europeia, mas também africana:

“O cristianismo da esmagadora maioria da população branca ou mestiça da Nova Espanha era um conglomerado extraordinariamente permeável aos empréstimos, diante do qual a Inquisição se contentava em lembrar a norma, sem jamais conseguir controlá-lo.” (GRUZINSKI, 2003, p.294)

Na visão de Gruzinski, a cultura mexicana é o resultado do contato entre a cultura castelhana e a cultura pré-hispânica, a partir de assimilações, sincretismos, adaptações e da manutenção de manifestações ritualísticas sob um véu cristão. Por conta disso, proponho atribuir ao autor o lugar de “meio termo” entre a maneira anterior de se pensar a Conquista da América, dentro da Escola dos Annales, e o que Eduardo Natalino dos Santos chama de “Nova Historiografia da Conquista”, que pode ser entendida como uma História da América feita, majoritariamente, por americanos. E entre as teorias de Gruzinski e Natalino dos Santos, está em termos cronológicos – e acredito que também metodológicos e historiográficos – a obra de Restall.

Matthew Restall é inglês, porém cresceu, entre outros países, na Espanha e Venezuela. Formou-se em História na Universidade de Oxford e especializou-se em História da América Latina na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). Atualmente é diretor de Estudos Latino-Americanos na Universidade Estadual da

Pennsylvania, nos Estados Unidos. No livro “Sete Mitos da Conquista Espanhola”, Restall procura utilizar fontes não só de origem europeia, mas principalmente ameríndias, com o objetivo de trazer à luz a perspectiva dos nativos.

Restall se dedica a desfazer os mitos acerca da Colonização da América. O autor é bem incisivo ao criticar a obra de Todorov, por exemplo. Também busca evidenciar que o processo de Conquista não foi dicotômico, com a participação somente de europeus e indígenas. Nesse sentido, insere nesse processo a importância dos negros, acabando assim com o “mito do conquistador branco”. Além disso, aprofunda a tese de que a conquista foi possível devido à participação não só de negros, mas de diferentes grupos nativos insatisfeitos com a dominação asteca, buscando assim provar que a visão dos conquistadores como “homens excepcionais” também é um mito.

O autor afirma que Cortez e outros conquistadores como Cristóvão Colombo e Francisco Pizarro são superestimados. E que estes homens só se tornaram célebres devido às *probanzas de mérito*, cartas direcionadas ao Rei com o objetivo de construir a imagem de que eram “bravos guerreiros”. Os conquistadores escreviam estas cartas utilizando símbolos que tivessem grande significado para os leitores/ouvintes (eram poucas as pessoas que sabiam ler neste período).

Restall destaca ainda a presença de homens negros entre os conquistadores, dentre os quais Juan Garrido, um africano ocidental, que se converte ao catolicismo em Portugal e se muda para Sevilha, na Espanha. Embarca em diversas expedições, inclusive sob o comando de Cortez para o México, sendo no ano de 1528 o líder de sua própria expedição. Essas informações são de extrema relevância para romper com a imagem de que conquistadores e invasores são sinônimos de “homem branco”, como é muito comum ouvirmos, principalmente, em aulas de História da Educação Básica.

Segundo Restall, a experiência da guerra contra os infiéis foi decisiva para o sucesso ultramarino. Tanto no que se refere aos avanços tecnológicos marítimos, quanto às estratégias de batalha e de dominação cultural diante de novos pagãos. Por mais que fossem situações completamente diferentes (mourous e indígenas), há um precedente para se buscar informação e táticas de guerra. E há também um

precedente de honras e glórias que levava homens a se arriscar na realização destes empreendimentos em nome de Deus e da Coroa. É importante ressaltar dentro deste ponto que, para Restall, a experiência prévia dos espanhóis no Mediterrâneo e nas Cruzadas é um fator que diminui a excepcionalidade dos conquistadores. Segundo o autor, não há nem sequer um exército coeso. Em suas palavras:

“a Conquista Espanhola não foi realizada por soldados enviados pelo rei, como bem sabiam os próprios invasores. Foi a revolução militar ocorrida na Europa dos séculos XVI e XVII que alterou a maneira como os espanhóis mais tarde imaginariam os primeiros conquistadores. (...) Foi assim que os conquistadores, muito depois de sua morte, converteram-se todos em soldados.” (RESTALL, 2006, p.74)

E, de fato, Restall parece correto em sua análise. Os conquistadores não foram enviados pelo Rei, mas tinham que ter a autorização prévia da Coroa para suas expedições – autorização essa, é importante ressaltar, que Cortez a princípio não possuía. O financiamento nem sempre vinha diretamente do Rei, mas sim de patronos. O que em nada muda a necessidade dos conquistadores de buscar que seus soberanos aprovassem seus feitos. Não bastava aos conquistadores colonizar ou dominar as terras recém-descobertas, era necessário também convencer o Rei e seus conterrâneos de que o que haviam feito no além-mar era algo digno de um nobre. A partida de suas terras era uma oportunidade de ascensão social e para alcançar este *status* era necessário cumprir com um papel. Era quase a encarnação de um personagem.

O uso das cartas de Cortez como fonte primária nas pesquisas dos historiadores levou a interpretações errôneas, que não levaram em conta que estas não eram apenas crônicas ou relatos, mas sim escritos com o objetivo de provar o mérito dos conquistadores e de construir a imagem de um “verdadeiro cavaleiro cristão”, de um “guerreiro valente” ou de um “aventureiro destemido”.

O uso das crônicas de maneira não cuidadosa por parte dos historiadores é algo corriqueiro na pesquisa em História, não só no campo da Conquista e da Colonização da América. Os documentos e fontes históricas não se modificam ao longo dos séculos ou décadas; o que se modificam são as perguntas feitas pelos

historiadores ao se debruçarem com novos olhares sobre elas.

Restall não tem a pretensão de estabelecer “a verdade” sobre o processo de Conquista da América, porém reconhece que estas novas perguntas são de extrema relevância para o desenvolvimento da historiografia sobre o tema:

“Será que a ambiguidade dessa relação entre mito e história (...) anula a tentativa de trazer à tona verdades a respeito do passado? Ao dedicarmo-nos a tal tentativa, correremos o risco de seguir os passos de Platão e substituir mitos antigos por verdades inventadas, ou novos mitos? (...) Conclusões históricas não são infalíveis – mas, quando referendadas por evidências sólidas e argumentos meticolosos, merecem ser consideradas reveladoras de algo verdadeiro sobre o mundo. (...) Há sempre múltiplas narrativas de qualquer momento histórico – o que não significa, porém, que como interpretações, não possam revelar algo de verdade.” (RESTALL, 2006, pp.19-20)

Ainda há outro importante mito desfeito por Restall, relativo à passividade dos indígenas. Restall retrata os nativos dissidentes como conscientes de suas escolhas. Sabiam o que estava por vir no que diz respeito à queda do poder asteca e, por isso mesmo, concordavam e auxiliavam ativamente no prosseguimento da Conquista, no intuito de se libertarem de um domínio opressor e explorador.

Outro autor que questiona a maneira de se contar a história da Conquista da América é Miguel León-Portilla. A publicação de seu livro, “A visão dos vencidos”, data de 1959, sendo, portanto, a obra mais antiga presente nesta discussão historiográfica. O autor é um antropólogo e historiador, dedicado à pesquisa de fontes de origem asteca e vencedor de vários prêmios renomados na área. É pesquisador emérito da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM).

Apesar de León-Portilla não ter sido apresentado de maneira cronológica neste trabalho, sua ideia é dar voz, como o título de seu trabalho já anuncia, aos “vencidos”. O autor tenta reconstruir o processo da Conquista Espanhola a partir da análise de fontes de origem exclusivamente ameríndia. León-Portilla se propõe a responder os seguintes questionamentos: “*O que pensaram os índios ao ver chegarem às costas e aos povoados os descobridores e conquistadores? Quais foram as suas primeiras atitudes? Como conceberam a sua própria derrota?*” (LEÓN-PORTILLA, 1985, p.10).

No entanto, em sua pesquisa não há muita crítica sobre o papel dos

indígenas no processo de conquista e colonização do México, visto que esses continuam sendo considerados “perdedores”. O autor faz algumas aproximações entre a forma de pensar dos castelhanos e dos astecas, como o fato de que os nativos consideravam os espanhóis como *popolocas* ou “bárbaros”, pelo comportamento violento que apresentaram diante dos nativos; da mesma forma, aborda a visão dos europeus quando chegam ao Novo Mundo e se deparam com seus habitantes, que são chamados de “bárbaros” por conta de sua cultura e religiosidade distintas.

O trabalho de León-Portilla abriu caminhos para que novas pesquisas e teorias se formassem sobre o processo de Conquista da América: desde a possibilidade de comparação entre as fontes de origem europeia e ameríndia, como a análise da visão de mundo presente nas civilizações da Mesoamérica e a maneira como seus habitantes resistiram à invasão dos espanhóis.

A participação indígena no processo de Conquista é mais esmiuçada no artigo de Eduardo Natalino dos Santos, historiador formado pela USP, onde atualmente leciona as disciplinas de História da América Pré-Hispânica e América Colonial. Suas especializações foram na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) e na Stanford University, nos EUA.

Para o autor, a Confederação Asteca não era unívoca. Havia tensões políticas e sociais entre os diversos grupos que habitavam a região. Em sua pesquisa, Natalino afirma a importância de se considerar que a ação dos espanhóis não se faria possível sem o auxílio desses outros grupos indígenas descontentes. Auxílio esse não só militar, mas também político, social e cultural.

Segundo o autor, é de extrema importância o papel dos nativos em contar a história local de maneira que fosse compreendida e aceita pelos sobreviventes e novos habitantes da região. Só dessa forma que a conquista cultural e social se tornaria viável. Através da inserção dos novos elementos sociais, culturais e políticos nas tradições históricas da Mesoamérica, argumenta Natalino dos Santos, é que se possibilitou a consolidação do poder espanhol, e foi só dessa forma que as elites locais conseguiriam manter seus privilégios e influência.

Ao contrário do que Gruzinski argumenta, Natalino dos Santos discorda da ideia de que o surgimento de uma cultura mestiça se deu a partir do contato entre a cultura pré-hispânica e a cultura castelhana no continente americano. Para o autor, o que Gruzinski conceitua como “cultura mestiça” é um comportamento adotado pelas duas culturas de forma intencional, fruto de interesses políticos e sociais de ambas as partes nesta sociedade em formação.

Assim sendo, estabeleceu-se uma correlação entre os castelhanos e indígenas para que se mantivesse o poder estabelecido. Os castelhanos precisavam das elites locais, que eram micro-sociedades “independentes” interconectadas. Os líderes desses *altepeme*¹ que auxiliaram e deram suporte às invasões dos espanhóis se mantiveram no poder e a maior parte destes grupos se tornou municípios dentro do Vice-Reinado. Mais uma vez, revela-se a interdependência entre as elites náhuas² os castelhanos. As elites locais precisavam apoiar os espanhóis para manter seus poderes e privilégios. Enquanto isso, os espanhóis precisavam dessa estrutura para validar sua presença e dominação sobre o território.

Diante dessa participação no processo de Conquista, as elites indígenas sentiam-se como parte do regime colonial, e não como vítimas dele, e por esse motivo incorporavam símbolos que pudessem demonstrar a nova posição social que ocupavam – símbolos esses que faziam alusão aos castelhanos, como vestimentas e artefatos militares. Ao contrário do que Gruzinski afirma, para Natalino dos Santos não há um produto cultural proveniente do contato entre os hábitos astecas e castelhanos, mas há o uso intencional por parte dos nativos de determinados elementos da cultura europeia como forma de demonstrar o lugar que ocupavam dentro desta nova sociedade. Talvez até como forma de renegar a influência do poder asteca na estrutura político-social da Nova Espanha.

Na visão de Natalino dos Santos, a Conquista é empreendida não somente de forma político-militar, mas também de outra forma importante para os castelhanos: a conversão religiosa. Não de um ponto de vista puramente religioso, mas também da fé como ferramenta política e social dentro da nova sociedade em construção. O

¹ Grupos de nativos dentro da Confederação Asteca, no singular *altepetl*.

² Náhua é uma etnia presente em grande parte da Mesoamérica, da qual entre outros povos, os astecas fazem parte.

apoio político-militar conferido pelos europeus era trocado por conversões ao cristianismo. E, mais uma vez, a função dos chefes das elites locais era convencer seus súditos a seguirem a nova ordem,

“recontar a história de sua linhagem ou altepetl incorporando certos aspectos dos acontecimentos recentes, da nova organização político-tributária e das instituições castelhanas. Tais histórias visavam, entre outras coisas, a manutenção de suas posições de superioridade no interior das sociedades indígenas e a reivindicação de territórios e privilégios minguentes junto às instituições e autoridades castelhanas.” (NATALINO DOS SANTOS, 2014, p.227)

A princípio, argumenta o autor, pode-se achar que os nativos estavam no controle da Conquista e que a eles se deveu todo o sucesso dos espanhóis. E, de fato, no primeiro momento, foi graças ao apoio dos indígenas que a conquista da Mesoamérica se tornou possível e foi consolidada. No entanto, depois de tantas mortes devido às doenças e também às guerras, a presença espanhola no Novo Mundo aumentou de maneira exponencial e superou a presença dos sobreviventes nativos, o que acarretou em uma

“construção de relações muito mais assimétricas entre autoridades castelhanas e elites ameríndias, expressas na constituição de pactos políticos em que se concedem menos privilégios ao menor número possível de autoridades indígenas, as quais, de todos os modos, continuam a ser indispensáveis para o governo e a arrecadação de tributos que a República dos espanhóis exerceu sobre a República dos índios na Nova Espanha” (NATALINO DOS SANTO, 2014, p.230)

É importante ressaltar a contribuição da pesquisa de Natalino dos Santos à historiografia da Conquista. O autor não acredita em explicações que partam do pressuposto de que existia uma polarização entre um grupo coeso de castelhanos e um contingente de milhares de indígenas, como se estes dois grupos fossem dois blocos homogêneos que se enfrentavam de maneira puramente dicotômica, sem tensões políticas, econômicas, militares e sociais inerentes a estas sociedades. Confirmando a complexidade da Conquista, Natalino dos Santos afirma que “a queda de México-Tenochtitlan não encerra o processo de conquista e, tampouco, a participação indígena nele” (NATALINO DOS SANTOS, 2014. p.225).

1.3. As “razões da vitória” e sua evolução na historiografia

Romano dedica sua pesquisa à busca dos mecanismos que levaram à vitória dos espanhóis. Trata da participação indígena de maneira bem superficial e dá ênfase “à espada, à cruz e à fome”, elementos que deram nome ao primeiro bloco desta pesquisa. Todorov, embora aprofunde o pensamento de Romano, possui uma perspectiva dos conquistadores e evangelizadores mais pessoal e romantizada. Elliott tem como foco os conceitos de “conquista espiritual” e de “superioridade bélica”, além de corroborar as ideias previamente discutidas acerca do “silêncio” dos deuses e do papel das doenças na diminuição brutal da população nativa. Gruzinski aborda especificamente o que já havia sido levantado como fator importante por Elliott, que é a “conquista espiritual”, denominada pelo autor de “cristianização do imaginário”. Confere maior protagonismo e voz aos ameríndios, mostrando que, apesar de tentarem incorporar os novos elementos culturais presentes em seus territórios, ainda mantinham suas práticas, rituais e crenças “disfarçados” nos cerimoniais cristãos.

Dessa forma, abre-se espaço na historiografia para se pensar mais na perspectiva dos supostamente vencidos, como feito por Restall, que dedicou sua pesquisa a desfazer o que ele compreendia como mitos ou como a história contada através de um ponto de vista unívoco. Ao longo de seu livro, o autor busca analisar as diferentes nuances do processo de Conquista. Em primeiro lugar, que esta não foi empreendida somente por homens brancos e europeus; em segundo, que não existiam blocos homogêneos em confrontação; em terceiro, que houve uma participação extremamente ativa por parte das diversas comunidades indígenas presentes nos territórios da Nova Espanha, e que essas comunidades possuíam interesses diversos, mas posicionamentos políticos, sociais e culturais distintos; em quarto, que a excepcionalidade e a figura heroica dos conquistadores é uma construção, e que em parte os historiadores são culpados pela manutenção desta visão da superioridade europeia. E, por fim, Restall apresenta aquelas que ele acredita serem as razões para a Conquista: as doenças, os conflitos internos às comunidades nativas e a tecnologia bélica dos europeus.

As doenças inegavelmente causaram um grande impacto demográfico no continente americano da época da Conquista e são elementos presentes em todos

os estudos sobre o tema, inclusive anteriores aos que foram apresentados aqui. Eduardo Natalino dos Santos não deixa de considerar o elemento biológico que matou um enorme número de nativos, tampouco a violência dos espanhóis e sua tecnologia bélica. Porém, para este autor, o papel central na conquista de México-Tenochtitlán deve ser atribuído às alianças feitas com os *altepeme* vizinhos e inimigos. O que Restall denomina de “desunião dos nativos” é o ponto principal do artigo de Eduardo Natalino dos Santos.

De acordo com Natalino dos Santos, o exército que chegou ao centro de poder asteca em 1519 contava com cerca de 500 castelhanos e 10 mil indígenas aliados. Em 1521, após a consolidação da vitória dos espanhóis sobre os astecas havia cerca de 1000 castelhanos e 20000 indígenas aliados.

É de extrema importância notar que os principais nomes da historiografia atual da América Colonial buscaram realizar suas formações e especializações no próprio continente americano, mesmo quando não eram provenientes deste continente. Isso nos mostra que a História da América está sendo escrita majoritariamente por americanos ou por aqueles que buscam ter contato com os arquivos e universidades americanos. Tal mudança representa um grande avanço na disputa pela narrativa, por possibilitar o distanciamento da visão eurocêntrica nos estudos sobre a temática.

O empreendimento europeu na América só se tornou possível devido às complexidades das sociedades encontradas no Novo Mundo. Ao contrário do que se acreditava anteriormente, a organização política, militar e social das comunidades da Mesoamérica não foi um fator que agravou as dificuldades para o sucesso da Conquista. A heterogeneidade presente na Confederação Asteca foi fundamental para o empreendimento hispânico na Nova Espanha. O desejo por parte dos dominados pelo *tlatoani* asteca de obter sua autonomia foi o que viabilizou primeiramente a entrada dos conquistadores e posteriormente a concessão do poder aos castelhanos. Como afirma Natalino dos Santos, muitos membros destas elites insurgentes ocupam cargos de poder na nova ordem política estabelecida pelos europeus.

O protagonismo nativo no processo de Conquista da América Espanhola

deve ser mantido e estudado de maneira mais profunda e abrangente. Este primeiro momento de consolidação de poder no Novo Mundo é objeto de maior atenção por parte dos historiadores atuais, que buscam compreender o empreendimento da conquista como um processo muito mais político e cultural do que militar.

É necessário que as pesquisas que levam em consideração as cartas de Hernan Cortez ou qualquer outro conquistador ou evangelizador europeu no novo continente leiam nas entrelinhas a participação indígena, já que na maioria das vezes esta é omitida ou não é destacada nos textos das “probanzas de mérito”. Ademais, não se deve esquecer que, para além das fontes europeias, há também os relatos e fontes ameríndias, que contam uma parte da história extremamente relevante para a compreensão dos motivos que levaram à vitória dos espanhóis sobre os indígenas. De fato, a historiografia atual do tema revela constatações e evidências mais plausíveis para a compreensão desse processo.

No capítulo seguinte serão analisadas as cartas de Hernan Cortez e alguns relatos indígenas, com o objetivo de reinterpretar estas fontes à luz da discussão historiográfica feita no presente capítulo.

Capítulo 2: Os dois lados da História: Cortez X Ameríndios

O objetivo desse capítulo é analisar fontes históricas que revelam versões distintas do processo de Conquista: a segunda carta de Cortez endereçada ao Rei Carlos V, de 1520, e os capítulos XVI e XX do Livro XII do Códice Florentino e o Texto Anônimo de Tlatelolco. Essas fontes referem-se aos seguintes episódios da Conquista: o encontro de Cortez e Montezuma, a matança do Templo Maior, a “Noche Triste” e a reorganização da ofensiva espanhola frente tais acontecimentos.

2.1. A escrita de Cortez

Os relatos de Cortez sobre a Conquista deixam transparecer sua visão de

mundo, suas motivações para a escrita e também a maneira como enxergava os “outros” com os quais se deparava. É interessante compreender que a forma como Cortez escreve é uma espécie de retrato de sua mentalidade, sua cultura e sua sociedade.

A carta de Cortez tem por intuito arrecadar honrarias e benefícios frente à Coroa, sendo enviada ao rei Carlos V para deixá-lo a par dos acontecimentos nas terras de além-mar. O texto do conquistador narra seus feitos de maneira com que ele pareça um herói, digno de mérito e de reconhecimento. Em alguns momentos, Cortez deixa de citar nomes de outros homens de sua companhia para que consiga ressaltar suas ações, como pode-se perceber no trecho a seguir:

“Depois de estar algo descansado, saí uma noite, depois de rendida a guarda da prima, com os peões, índios, e cavalos, e antes que amanhecesse dei com dois povoados onde matei muita gente, mas não preendi fogo às casas para não chamar atenção de povoados vizinhos. (...) Quando amanhecia, dei com um outro povoado que tinha mais de vinte mil casas. Como não tinha resistência, vieram a mim certos principais que rogaram para que não lhes fizesse mal, porque queriam ser vassallos de vossa alteza e meus amigos. (...) E assim os deixei pacificados (...) Isto foi motivo de muita alegria porque não havia entre nós quem não estivesse com muito temor (...) ainda mais que tínhamos algumas pessoas querendo desistir da tarefa, só não fazendo porque eu lhes disse que, como cristãos, éramos obrigados a lutar contra os inimigos de nossa fé, e além disto havíamos conseguido em outro mundo a maior glória e honra que até nossos tempos nenhuma geração conquistou. (CORTEZ, 2007, p.43)

No referido trecho, é possível notar seu esforço em mostrar não apenas que é um herói no sentido militar, mas também no sentido cristão, isto é, que seus objetivos são muito semelhantes aos de um cavaleiro medieval, do período das Cruzadas. Isso porque não só a sua missão é dominar esses povos, mas igualmente convertê-los à fé católica e transformá-los em vassallos do Reino de Castela. Cortez se apresenta como uma ferramenta militar, religiosa e política à disposição de Carlos V, e mostra que, diferente de outros homens que o acompanhavam, em momento nenhum deixa de acreditar e de batalhar por sua missão.

Essas cartas escritas por Cortez e enviadas a Carlos V acabaram publicadas na Espanha e se tornaram uma espécie de gênero literário, que tinha por função mais do que informar o Soberano – que não era o primeiro a ler estas cartas e nem o responsável pela publicação das mesmas, tomando o conhecimento das cartas a

partir da sua publicação³ – entreter os letrados, como a literatura de cavalaria. Como assinalado anteriormente, esse “gênero literário” ficou conhecido como “probanzas de mérito”.

Um dos feitos políticos mais importantes orquestrados por Cortez foi o seu encontro com Montezuma, o *huey tlatoani*⁴, que por diversas vezes tentou evitar a ida de Cortez até Tenochtitlán, centro de poder asteca, mas sem muito sucesso. Todos os diálogos entre Cortez e os indígenas passava por uma cadeia de tradução: Jerônimo de Aguillar, um naufrago espanhol que havia aprendido a língua maia, e Malinche⁵⁶, uma prisioneira maia em território asteca, que por essa razão aprendeu o *nahua* e posteriormente foi oferecida como presente aos espanhóis. Então, esta tradução funcionava em duas etapas: Aguillar traduzia do espanhol para o idioma maia, Malinche traduzia do maia para o *nahua*, e vice-versa.

É importante ressaltar a existência desta cadeia de comunicação, porque não é raro que estudantes de história no nível superior levantem a hipótese de uma “falha de comunicação”, justamente por conta desta tradução mediada em várias etapas, como se houvesse um “efeito telefone-sem-fio” na conversa. No entanto, ao compararmos os discursos de Montezuma na versão de Cortez e na versão dos ameríndios, é possível perceber que diferem bem pouco em seu conteúdo. E, quando diferem, isso se deve à omissão de Cortez quanto à resposta dada a Montezuma, dizendo somente que ele havia respondido *“tudo que perguntou, satisfazendo aquilo que convinha, em especial fazendo-lhe crer que vossa majestade era quem eles esperavam”* (CORTEZ, 2007, p.54 55). A citação abaixo reproduz um discurso de Montezuma, segundo a versão de Cortez:

“Muitos dias há que, pelas escrituras que temos de nossos antepassados, tomamos conhecimento (...) que nossa geração foi trazida a esta parte por um senhor, de quem todos eram vassalos, o qual voltou à sua terra e depois tornou a vir, desde muito tempo (...). E sempre soubemos que os que dele descendessem haveriam de vir a subjugar a esta terra e a nós, como seus vassalos. (...). Portanto, estejais certo que obedeceremos, podendo o mesmo mandar à vontade em toda a terra que é de meu domínio. Desta maneira, estais em

³ Segundo Matthew Restall, no capítulo “Um punhado de aventureiros – O mito dos homens excepcionais”.

⁴ *Huey tlatoani* é comparável à figura de um imperador. Porém, na sociedade asteca, a função do imperador também era a de um grande orador, um bom articulador das palavras e do discurso.

⁵ Por isso, até hoje no México, Malinche é sinônimo de xingamento, remetendo à ideia de “traição”.

6

vossa natureza e em vossa casa, podendo descansar do trabalho, da caminhada e das guerras que haveis enfrentado. (...) Muitos dos que agora são meus inimigos eram nossos vassalos e se rebelaram aproveitando a vossa chegada. (...) aqui sereis provido de todas as coisas necessárias para vossa gente e não vos molestais com nada, pois estais em vossa casa e natureza.” (CORTEZ, 2007, p.53)

É interessante destacar que a cordialidade e as boas-vindas dadas à Cortez por Montezuma não se deveram à superioridade espanhola, ao medo dos indígenas, à subserviência ao rei Carlos V ou ao fato dos indígenas serem “bons-selvagens”. Havia na cultura asteca a crença de que um deus, Quetzalcoatl, deixara o comando da civilização nas mãos dos toltecas, predecessores dos astecas, mas sob a promessa de que iria voltar um dia para retomar o seu trono. Logo, na visão de mundo dos nativos, Cortez era, senão Quetzalcoatl, um enviado deste deus. Portanto, para Montezuma, não haveria outra opção a não ser abdicar de seus privilégios e ceder às vontades dos conquistadores/deuses.

Dias depois de ser recebido por Montezuma em Tenochtitlán, Cortez decide que não deveria deixar o líder dos astecas tão livre. Questiona Montezuma sobre a batalha de Almaría, na qual alguns espanhóis foram mortos. Como desdobramento deste interrogatório, Cortez manda queimar vivos os subordinados de Montezuma responsáveis pelo ataque e prender Montezuma, mantendo todos os privilégios e confortos que o *tlatoani* tinha em seus aposentos. Pede em troca que Montezuma dê os caminhos para a extração de ouro.

O documento em questão apresenta uma das razões para a Conquista, que pouco tinha relação com a ação dos espanhóis. Podemos inclusive ser chamado de “golpe de sorte” a existência de uma profecia que dizia que o trono de Tenochtitlán seria retomado por um deus vindo de terras distantes. Esse elemento cultural proporcionou a entrada dos castelhanos no centro de poder asteca, sem resistência em um primeiro momento. Deu a oportunidade para que conhecessem os caminhos, as rotas de fuga, os lugares de maior resistência, de modo a estarem preparados no caso de um conflito. E, ademais, ainda angariaram o apoio de Montezuma para convencer os outros povoados a obedecer às ordens de Cortez, já que este era Quetzalcoatl ou seu enviado:

“Passados alguns dias, Montezuma fez uma conclamação aos senhores de terras e cidades da região

(...): 'irmãos e amigos meus; já sabeis que de muito para cá vós e vossos pais e avós tem sido súditos e vassallos de meus antecessores e meus. (...) e também creio que, como nós, tendes memória por vossos antecessores que não somos naturais desta terra. Que nossos antecessores aqui foram trazidos e deixados por um senhor, o qual, quando voltou mais tarde, viu que nossos avós já tinham povoado esta terra (...) [este senhor] disse que um dia voltaria ou mandaria alguém com tal poder para nos levar a seu serviço. (...) e segundo as coisas que o capitão nos tem dito daquele rei e senhor que o enviou aqui, tenho certeza, e vós também deveis ter, que aquele é o senhor que esperávamos. (...) e por tudo isto que é notório, rogo-lhes que, (...) de agora em diante tenhais e obedeceis a este grande rei, pois ele é o vosso senhor natural, e em seu lugar tenhais este seu capitão.” (CORTEZ, 2007, p.60)

A carta de Cortez evidencia que, assim como entre os nativos, havia tensões entre os diversos conquistadores que estavam na região. Após o estabelecimento de Cortez em Tenochtitlán, chega à costa Pánfilo de Narváez, a mando de Diego Velazquez, com o objetivo de tomar à força as terras que agora eram capitaneadas por Cortez:

“[As cartas] Eram dirigidas ao dito capitão para que, através de um muito extenso relato, ficasse sabendo que nesta terra me havia sucedido e como tinha muitas cidades, vilas e fortalezas conquistadas e pacificadas, submetidas ao real serviço de vossa majestade. Disse também como mantinha sob meu controle o senhor de todas estas terras e pedia-lhes que me fizessem saber quem eram e se eram vassallos naturais de vossa alteza.” (CORTEZ, 2007, p.67)

Por esse motivo, Cortez deixa Tenochtitlán sob a responsabilidade de Pedro de Alvarado, no intuito de resolver a disputa territorial com Narváez; porém, busca manipular a situação ao omitir que o comando da capital asteca estava nas mãos desse seu companheiro. Em seu relato, diz que deu a incumbência do comando à Montezuma, lembrando-o que agora tinha o compromisso de ser vassalo do Rei Carlos V:

“...chegou uma mensagem da vila de Vera Cruz dizendo que os nativos daquela vila e de Cempoal não estavam dispostos a lutar contra Narváez, porque este havia dito que eu era mau e vinha lhe prender e porque ele trazia muita gente e muitas armas e eu tinha pouca gente e poucas armas. Assim deixavam para que *viva quem vencer*. (...) Percebendo o grande dano que se avizinhava, resolvi ir pessoalmente conversar com Narváez. (...) Antes de partir fiz muitas observações a Montezuma, alertando-o que agora era vassalo de vossa alteza, de quem deveria receber muitas graças pelos serviços que havia prestado. (...) Ele prometeu cuidar de tudo e enviar gente para lutar ao meu lado se aqueles espanhóis com quem eu ia falar fossem gente má. (CORTEZ, 2007.p 69)

Cortez prende Narváez e despacha mensageiros para contar o que havia acontecido e conter possíveis insurgências contra ele nas outras províncias da região. Controlando os fatos desta maneira, Cortez não só evidencia a importância de manter Montezuma sob sua influência, como também que sua presença e comando eram indispensáveis na conservação do poder sobre aquele território. Caso expusesse que a responsabilidade sobre Tenochtitlán recaía de fato sobre Pedro de Alvarado (o qual dera início a um ataque espanhol mal-sucedido, que ficou conhecido como a “Matança do Templo Maior”, na cidade de Tenochtitlán), mostraria ao Rei sua falha de comando e que seus subordinados não respeitavam a sua autoridade.

Alguns dias após a resolução do problema envolvendo Narváez, um de seus mensageiros trouxe a informação de que os nativos estavam em guerra, de que os espanhóis não tinham mantimentos e não se encontravam em condições de pagar o resgate requisitado para que pudessem sair da fortaleza, e de que os índios haviam tomado todas as entradas de Tenochtitlán. Cortez se apressa em voltar para a cidade e, ao adentrá-la, é surpreendido pelo ataque de uma multidão de nativos. O conquistador consegue se refugiar na fortaleza e começa a organizar uma maneira de retomar alguns pontos estratégicos de Tenochtitlán.

Seguiram-se alguns dias de intensa batalha. Cortez narra que os espanhóis estavam completamente cercados. Os astecas diziam, segundo Cortez:

“(...) que percebiam o grande dano que sofriam e que morriam muitos dos seus, porém, permaneciam determinados a lutar até acabar conosco ou morrerem todos. (...) e que eles já haviam feito a conta, que podiam morrer vinte e cinco mil deles para um dos nossos que assim mesmo acabariam conosco, pois éramos poucos e eles muitos. (...) que sabiam que tínhamos pouco mantimentos e pouca água doce, o que faria com que, mesmo que não nos matassem, viéssemos a morrer de fome e sede. Na verdade, eles tinham razão” (CORTEZ, 2007, p78)

No cair da noite, Cortez reúne alguns de seus homens e deixa a fortaleza. Consegue tomar algumas pontes e ruas, o que faz com que os indígenas proponham um acordo de paz. Os espanhóis aceitam tal acordo, no qual os indígenas afirmavam que voltariam a servi-los e obedecê-los. Mas, não muito tempo

depois, Cortez descobre que foi enganado e que os astecas recuperavam as pontes e saídas da cidade, voltando a atacar os castelhanos, que decidem então deixar Tenochtitlán em direção à Tlaxcala, onde habitavam indígenas aliados. O conquistador narra sua saída de maneira bastante emblemática, como se fosse um herói-cavaleiro que, tomado pela fé e coragem, se tornara invencível:

“Como os peões estavam cansados, feridos e atemorizados, nenhum me seguiu. Em vista disto, quando quis voltar depois de passar as pontes, encontrei todas cheias de índios. (...) Todos passaram a apedrejar a mim e aos poucos que me acompanharam a cavalo desde a fortaleza e só Deus misericordioso pôde me salvar(...) não pude passar e tive que ir só contra todos meus inimigos. Todavia, consegui abrir uma brecha e passar, embora tivesse que dar um grande salto com o cavalo.” (CORTEZ, 2007, p.80)

A “Noche Triste”, como ficou conhecida a saída de Cortez de Tenochtitlán, acontece entre 7 e 8 de novembro de 1519, segundo relatos de Cortez. O fim de sua segunda carta ao rei data de 20 de outubro de 1520. Ou seja: para reestruturar o seu processo de conquista, Cortez demorou praticamente um ano.

Cortez mantém a aliança com Tlaxcala antes, durante e depois da “Noche Triste”, e é para este *altepetl* que o conquistador e seus homens seguem ao fim desta derrota. Não sem antes encontrar muitas outras batalhas pelo caminho. O apoio dos tlaxcaltecas aos castelhanos foi fundamental no processo de reestruturação do processo de conquista. Sem eles, Cortez não teria sido capaz de articular o apoio de outros *altepeme*, pois demorou algum tempo até que os castelhanos conseguissem mais suprimentos, armas e recuperassem os homens perdidos em batalha:

“Depois de cessados os combates, resolvemos fazer o levantamento de nossas perdas e constatamos que morreram cento e cinquenta espanhóis, quarenta e cinco cavalos⁷ e mais de dois mil índios que serviam aos espanhóis, entre eles o filho e filhas de Montezuma e os demais senhores que trazíamos junto. (CORTEZ, 2007, p.81)

Nesse meio tempo, Cortez tentou convencer os diversos *altepeme* a apoiarem os seus homens. Os que se recusavam, eram atacados até serem dizimados e mudarem de ideia. Principalmente depois da epidemia de varíola e outras doenças,

⁷ Neste trecho é possível perceber a ordem de importância e relevância das perdas para os espanhóis, que aparecem primeiro, seguidos dos cavalos, e por último os indígenas.

a população dos *altepeme* ficou bastante reduzida e fragilizada e, muito provavelmente, extremamente desorientada com os acontecimentos recentes da época. Muitos dos *tenochcas*⁸ se refugiaram em Tlatelolco, tentando salvar o pouco que restava de mantimentos, guerreiros e armas, para que pudessem se defender no caso de outro ataque. Algum tempo depois da “Noche Triste”, os espanhóis voltam para a região e atacam Tlatelolco e posteriormente oferecem uma trégua e a chance de seus habitantes se aliarem aos europeus. Os “anônimos de Tlatelolco” relatam este tipo de abordagem dos castelhanos. Nesse mesmo sentido, os informantes de Sahagún dão as suas próprias versões para os estes acontecimentos presentes nos relatos de Cortez. Serão estas as fontes analisadas no segundo bloco deste capítulo.

2.2. Os relatos dos ameríndios

Assim como a escrita de Cortez, os relatos ameríndios também são um retrato da forma como esses povos compreendem a sua estrutura social, política e cultural.

A análise das fontes ameríndias se torna mais complexa justamente por retratar uma visão de mundo bastante distinta daquela que nos é comum. A visão de tempo cíclica dos nativos transparece na maneira como estes descrevem os acontecimentos. Muitas vezes narram a mesma ação no passado, como se já tivesse acontecido; no presente, como se estivessem testemunhando um fato enquanto escrevem; e no futuro, como se houvesse a intenção de realizar uma ação. A citação a seguir ilustra esta forma de escrita:

“Oxalá um deles estivesse vendo, visse com assombro, o que eu agora vejo vir a mim! O que eu vejo agora: eu, o resto, o sobrevivente de nossos senhores. Não, não estou sonhando, não me levanto entorpecido do sono, não vejo em sonhos, não estou sonhando... É que já te vi, é que já pus meus olhos em teu rosto!”
(SAHAGÚN apud LEÓN-PORTILLA, 1991, p.30)

O trecho acima é um fragmento da fala de Montezuma ao encontrar com Cortez pela primeira vez. Ele afirma que gostaria que um de seus antepassados estivessem vendo, ou que no presente vissem, com assombro, o que se aproximava

⁸ Habitantes de Tenochtitlán.

dele. Por mais complexo que seja, e que em um primeiro momento soe como um desejo de que os antepassados pudessem presenciar o mesmo que Montezuma presenciou, também pode sugerir que Montezuma gostaria que não fosse ele a passar por essa situação. Ou seja: o que ele gostaria que tivesse acontecido, o que estava acontecendo, e o que ele gostaria que acontecesse no futuro em uma mesma frase.

O mesmo acontece quando Montezuma nega que estar na presença de Cortez seja um sonho. Caso estivesse sonhando, o futuro seria acordar “entorpecido do sono”. O passado seria “ver em sonhos”. Mais uma vez é possível notar a linguagem sendo utilizada a partir da concepção cíclica de tempo. Essa visão de mundo permite ainda a prática e o uso das profecias. Na última sentença destacada, Montezuma parece já ter tido uma visão sobre Cortez, como um presságio deste encontro.

A partir da escrita dos nativos, é possível observar uma outra percepção da conquista. Não necessariamente a “visão dos vencidos”, como Miguel León-Portilla aborda em seu livro, mas elementos de resistência, de protagonismo e de consciência política que fizeram parte do processo de tomada e de colonização do território asteca.

León-Portilla, em “A Conquista da América Latina vista pelos índios”, afirma que *“as lutas posteriores da Conquista, registradas pelos historiadores indígenas, testemunham o heroísmo da defesa. Mas a derrota final, ao ser narrada nos textos astecas, já é depoimento de um trauma profundo.”* (LEÓN-PORTILLA, 1991, p.17). De fato, os relatos indígenas após o episódio da Matança do Templo Maior parecem mudar de tom. Se até então os astecas apresentavam alegria, espanto e profunda colaboração com os espanhóis, por acreditarem que estavam diante da concretização de uma profecia, após o referido episódio, esta imagem do trauma se torna pungente. No entanto, os relatos continuam apresentando sinais de resistência. O simples fato de manterem a escrita e suas tradições históricas indica resistência cultural. Ao afirmarem que *“Golpeávamos os muros de adobe em nossa ansiedade /e nos restava por herança uma rede de buracos”* (MANUSCRITO ANONIMO DE TLATELOLCO apud LEÓN-PORTILLA, 1991, p.29), os indígenas

mostram que, mesmo em um cenário de destruição e desolação, ainda compreendiam um muro esburacado com uma herança. Se há herança, há herdeiros. E se há herdeiros, é porque ainda existe resistência. Havia o desejo de contar para as futuras gerações o que se passara com os antepassados.

Como já explicado anteriormente, os indígenas em um primeiro momento acreditavam estar diante de Quetzalcoatl ou um enviado deste deus, que retornava para reivindicar o seu trono. Os castelhanos se utilizaram desse mito para ganhar acesso a Tenochtitlán. Nos relatos indígenas, fica claro que Montezuma faz questão de receber Cortez da melhor maneira possível, com flores, colares e todo tipo de boas-vindas e conforto:

“Disse-lhe Motecuhzoma:

(...)

'Senhor nosso: tu te fatigaste, tanto te cansaste; já à terra chegaste. Alcançaste a tua cidade: México.

Aqui vieste para sentar-te em em teu sólio, em teu trono. Oh, por breve tempo reservaram-no para ti, os que já se foram, teus substitutos.

Eles não de ver e saberão, por acaso, dos que deixaram, de sua futura geração? (...)

Isto foi o que nos deixaram dito os reis, os que regeram, os que governaram tua cidade:

Que haverias de instalar-te em teu assento, em teu setial, que haverias de vir aqui (...)

Chega à terra: vem e descansa; toma posse de tuas casas reais; dê refrigério ao teu corpo.

Chegai à vossa terra, senhores nossos'

Quando terminou o discurso de Motecuhzoma: o marquês o ouviu, Malíntzin o traduziu, deu-lhe esclarecimentos.

E quando percebeu o sentido do discurso de Motecuhzoma, imediatamente lhe respondeu através de Malíntzin. Disse-lhe em língua estranha, disse-lhe em língua selvagem:

'Tenha confiança, Motecuhzoma, e nada tema. Nós muito o amamos. Bem contente hoje está o nosso coração. Vemos-lhe o rosto, o ouvimos. Já faz muito tempo que desejávamos vê-lo.' (SAHAGÚN apud LEÓN-PORTILLA, 1991, p.30)

Após o encontro de Cortez e Montezuma, os astecas parecem acreditar que todos estão em comum acordo. Inclusive, há um vazio nas fontes entre o diálogo dos dois líderes e a Matança do Templo Maior. Os acontecimentos sucedidos neste espaço de tempo foram explicitados apenas na perspectiva castelhana. E o silêncio das fontes indígenas tem significado: para os astecas, a parte no acordo político e o papel na profecia estavam sendo cumpridos. Diante da importância da palavra e da oralidade para os nativos pré-colombianos, mentir e enganar pareciam ser questões impensáveis.

Os astecas viviam em normalidade, por isso no momento em que se inicia a Matança do Templo Maior encontravam-se em meio a uma celebração festiva.

Dessa maneira, a situação se torna ainda mais brutal. Segundo os relatos, os espanhóis fecharam todas as saídas e passagens para o Templo antes de iniciarem os ataques, dando a entender que estes foram premeditados, porém sem maior motivação⁹. As cenas narradas são quase palpáveis, tamanha a concretude da descrição. E, mais uma vez, a importância em manter a tradição histórica se mostra mais forte que o trauma, o que denota resistência. Abaixo, um trecho do relato sobre a Matança do Templo Maior:

“Enquanto se está desfrutando da festa (...), neste exato momento os homens de Castela decidem matar o povo. Fecham as saídas, as passagens, as entradas (...). Assim que as fecharam, postaram-se em todas elas; já ninguém podia sair. (...) imediatamente entram no Pátio Sagrado para matar a todos. (...) cercam os que dançam, atiram-se sobre o lugar dos atabaques: deram uma cutilada no que estava tocando, cortaram-lhe ambos os braços. Logo o decapitaram (...) a outros golpearam nos ombros: descarnados, dilacerados caíram seus corpos. A uns feriram nas coxas, a outros na barriga das pernas, aos demais em pleno abdome. Todas as entranhas caíram por terra. (...) Na ânsia de pôr-se a salvo, não sabiam para onde se dirigir. Alguns buscavam sair: ali na entrada os feriam, os apunhalavam. Outros escalavam os muros; mas não puderam salvar-se. Outros entraram na casa comum: ali se salvaram. Outros fingiram-se de mortos (...). Mas, se por acaso alguém se levantasse, o viam e o esfaqueavam.” (SAHAGÚN apud LEÓN-PORTILLA, 1991, p.32)

Logo em seguida, ao ficarem sabendo do lado de fora do Templo o que estava acontecendo, os guerreiros astecas se organizaram para defender seu povo. Conseguem encurralar os castelhanos nas casas reais e os nativos puderam enfim chorar seus mortos. Levaram todos os mortos para o Pátio Sagrado para que depois fossem cremados no Cuauhxicalco (Urna da águia) ou para a Casa dos Jovens, lugar específico para esta prática.

O Texto Anônimo de Tlatelolco abordará o episódio da “Noche Triste” do ponto de vista nativo. Tlatelolco é um *altepetl* nos arredores de Tenochtitlán. Após a Matança do Templo Maior e a reação dos guerreiros astecas, os espanhóis saem da cidade rumo à terra de seus aliados – Tlaxcala – como foi abordado anteriormente.

Em boa parte do caminho, Cortez, os aliados tlaxcaltecas e os castelhanos são atacados pelos *altepeme* vizinhos à Tenochtitlán. Um desses *altepeme* é

⁹ Cortez também não associa nenhuma relação de causa e efeito para o início da batalha entre indígenas e espanhóis.

Tlatelolco. No texto anônimo escrito por seus habitantes, há um trecho que descreve o ataque à Cortez e seus aliados: “*Em consequência de tais fatos, saíram (os espanhóis) logo de noite. Na festa de Tecuítuitl saíram; foi quando morreram no Canal dos Toltecas. Furiosamente ali os atacamos.*” (TLATELOLCO apud LEÓN-PORTILLA, 1991, p.33). Os tlatelolcas descrevem ainda que após o episódio da “Noche Triste” e os ataques aos castelhanos teria começado a epidemia de varíola: “*Então se espalhou a epidemia: tosse, grãos ardentes que queimam.*” (TEXTO ANÔNIMO DE TEXTO ANÔNIMO DE TLATELOLCO apud LEÓN-PORTILLA, 1991, p.34)

Nesse tempo em que a epidemia de varíola se espalhou entre os nativos, Cortez volta para Tlaxcala e começa a projetar uma nova ofensiva militar para a tomada de Tenochtitlán. Tentaram convencer os tlatelolcas a se associarem aos espanhóis e aos outros líderes de *altepeme* aliados, pedindo para que ficassem contra Cuauhtémoc (o último *tlatoani* asteca), porque este não hesitaria em atacá-los. Somente desta forma poderiam se preservar e preservar seu povo, acordo que é negado pelos tlatelolcas, já que havia muitos *tenochcas* em seus territórios:

“Dizem:

- Está bem: sois os que são procurados. Vinde aqui, o 'deus', o capitão, vos chama.
- (...)
- Vieram os tlatelolcas, os trouxemos.
- Disse Malintzin a eles:
- Vinde cá, disse o capitão:
- Que pensam os mexicanos? É uma criança Cuauhtémoc?/ Que não tem compaixão das criancinhas, das mulheres?/É assim que perecerão os velhos? / Pois estão aqui comigo os reis de Tlaxcala, Huexotzinco, Cholula, Chalco, Acolhuacan, Cuauhnáhuac, Xochimilco, Mizquic, Cautláhuac, Culhuacan.'
- Eles (vários desses reis) disseram:
- Acaso o tenochca está zombando das pessoas? Seu coração também sofre pelo povo em que nasceu. Que deixem sozinho o tenochca; sozinho e por si mesmo... que vá perecendo...” (ANÔNIMO DE TLATELOLCO apud LEÓN-PORTILLA, 1991, p39,40)

A partir do fragmento acima, deduzimos que os tlatelolcas consideravam que não podiam mais deixar os *tenochcas* perecerem sozinhos, pois muitos deles se refugiaram em Tlatelolco e já eram considerados parte da comunidade. As batalhas recomeçam e Tlatelolco é submetida à aliança entre nativos e castelhanos. E assim

foi feito com todos os *altepeme*: ou se negavam a cooperar e eram aniquilados, ou se rendiam, até que em 1521, finalmente, Cortez consegue retomar a cidade de Tenochtitlán.

Conclusão

A vitória do processo de colonização não pode ser compreendida como puramente dos espanhóis sobre os indígenas. É necessário levar em consideração a participação e o protagonismo dos indígenas nesse processo: suas intencionalidades, sua consciência política e suas contradições. Existia uma disputa interna por poder antes mesmo da chegada dos europeus na Mesoamérica. Ou seja: a vitória é também fruto da aliança indígena contra o poder vigente, visto como opressor e autoritário. Ao fim e ao cabo, os espanhóis são um mal necessário para se obter essa mudança no comando do território.

A Noche Triste foi prova de que houve resistência indígena no processo de conquista e que esta foi militarmente eficaz. Porém, as alianças políticas feitas entre Cortez e indígenas insatisfeitos com os termos de governança dos astecas e a prévia experiência de guerra que os espanhóis possuíam, assim como a possibilidade de cerco e ofensiva pelo mar, possibilitam a vitória espanhola. Além, é claro, da varíola e de tantas outras doenças trazidas pelos europeus para o novo continente.

Os representantes das elites locais que se aliaram aos castelhanos queriam o poder, a diminuição de tributos e talvez maior participação política ou maior autonomia. Seria necessário analisar outros tipos de fontes para afirmar com maior propriedade quais eram os interesses dos tlaxcaltecas e demais inimigos em derrubar a confederação asteca, quais foram as raízes de suas inimizades e insatisfações.

A chegada dos espanhóis na Mesoamérica foi só o ápice de tensões que já se acumulavam ao longo do tempo entre os nativos, foi o elemento que faltava para que houvesse uma alteração na configuração do poder antes estabilizado. Então, a percepção dos tlaxcaltecas de que a presença desses forasteiros poderia ser vantajosa é tão importante e relevante quanto a percepção de Cortez das desuniões e fragmentações da sociedade que ele planejava submeter.

É impressionante que historiadores que tiveram acesso aos documentos escritos por nativos ainda celebrem Cortez e outros conquistadores como heróis.

Nos Estados Unidos há um feriado dedicado à Colombo, enquanto na Espanha e Portugal existem inúmeros monumentos em homenagem aos conquistadores. É compreensível que esses personagens sirvam como lugar de memória e construção de identidade e parte do projeto de nação destes países. No entanto, é necessário começar a reparar estes traumas históricos revisitando estes acontecimentos, fazendo novas perguntas e problematizações acerca destas fontes e reescrevendo as razões para a vitória dos europeus no continente americano.

O processo de conquista da América é bastante violento. Porém, não é só através da violência que esse empreendimento se concretiza, isso só se torna possível com a participação dos diversos grupos que não estavam satisfeitos em viver sob o domínio dos astecas. Nesse primeiro momento da conquista, a fé é um instrumento muito mais importante para os conquistadores, para que eles não percam o ânimo de continuar batalhando, do que para a imposição de um domínio sobre os indígenas. A profecia de Quetzalcoatl e as alianças político-militares feitas na região são as razões que possibilitaram a entrada dos espanhóis no centro de poder da Confederação Asteca e, por conseguinte, a consolidação do domínio castelhano na Mesoamérica.

A adaptação política e social das elites locais dá a impressão de que a cultura europeia foi dominante frente à cultura nativa. No entanto, esse foi só mais um processo no qual os indígenas também tiveram participação. Apesar da cultura europeia ter sido em muitos momentos imposta aos indígenas, estes não se curvaram simplesmente a todos os elementos culturais que lhes eram apresentados. Os indígenas digeriram a cultura europeia, sem abandonar suas crenças prévias, de modo a transmitir sua tradição às gerações futuras. E, assim, sua resistência se faz presente até hoje no continente americano.

Referências Bibliográficas

BERNARD, C.; GRUZINSKI, S. **História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência europeia (1492-1550)**,. Segunda Edição: São Paulo, Edusp, 2001.

D'ASSUNÇÃO BARROS, J. **A Escola dos Annales e a Crítica ao Historicismo e ao Positivismo**, Revista Territórios e Fronteiras, Mato Grosso, Volume 3, Número 1, p.75-102– Jan/Jun 2010.

ELLIOT, J. “A conquista espanhola e a colonização da América”, In: BETHELL, L. (org). **História da América Latina, América Latina Colonial**, volume 1, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

GRUZINSKI, S. **A Colonização do Imaginário, Sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol Séculos XVI – XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LEÓN-PORTILLA, M. **A Visão dos Vencidos: A Tragédia da Conquista narrada pelos Astecas**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

_____. **A Conquista da América Latina vista pelos índios: Relatos astecas, maias e incas**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

NATALINO DOS SANTOS, E. “As Conquistas de México-Tenochtitlan e da Nova Espanha. Guerras e alianças entre castelhanos, mexicas e tlaxcaltecas”. In: **História Unisinos**, volume 18, número 2, p. 218-232, maio/agosto 2014.

O'GORMAN, E. **A Invenção da América. Reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

RESTALL, M. **Sete Mitos da Conquista Espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

ROMANO, R. **Mecanismos da Conquista Colonial**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

TODOROV, T. **A Conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

VELHO, G. “Memória, identidade e projeto”. In: **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.